



Ministério

Adventista



Novembro-Dezembro de 1965

Pensamentos Sobre a Oração

Esta manhã minha oração ao Senhor é que me conceda Sua copiosa graça. Jamais desejo começar o dia sem receber prova especial de que o Senhor Jesus é meu Ajudador, e de que possuo a abundante graça que é meu privilégio receber.

Em minhas devoções matinais tenho considerado privilégio rematar minha petição com a oração que Cristo ensinou aos Seus discípulos. Tantas são as coisas de que de fato careço para satisfazer as necessidades de meu próprio caso, que às vezes receio pedir mal; quando, porém, com sinceridade faço a oração-modêlo que Cristo deu aos discípulos, não posso deixar de sentir que, nessas poucas palavras, tôdas as minhas necessidades se acham incluídas. Essa prece faço depois de haver feito minha oração particular. Se de coração, espírito e alma faço a oração do Senhor, posso então dedicar-me em paz ao meu trabalho, sabendo que não pedi mal. . . .

Os escribas e fariseus muitas vezes faziam suas orações em praça pública e nas ruas das cidades. Cristo lhes chamou hipócritas. Em todos os tempos têm os homens orado com o desejo de "serem vistos pelos homens." . . . Quando Cristo vê em Seus discípulos erros que são susceptíveis de os desencaminhar, sempre os instrui no caminho certo. Não faz uma advertência sem dar também uma instrutiva lição, mostrando como remediar o êrro. Depois de dizer aos discípulos que em suas preces não usassem "vãs repetições," deu-lhes bondosa e misericordiosamente uma breve oração-modêlo, para que soubessem como fazer para não imitar as orações dos fariseus. Ao dar essa oração, sabia Êle que estava ajudando a fraqueza humana, estruturando em palavras aquilo que compreende tôdas as necessidades dos homens. "Não sabemos o que havemos de pedir como convém;" a instrução de Cristo para nós, entretanto, é clara e definida.

[Estes parágrafos do diário de Ellen G. White — 2 de agosto de 1902 — foram extraídos do livro *Meditações Matinais para 1965*, pág. 261.]



EDITORIAL

Que Significa ser um Ministro

ENOCH DE OLIVEIRA

CAMINHAVA Saulo pela arenosa via de Damasco, "respirando ameaças e mortes" contra os discípulos de Jesus. Investido de autoridade conferida pelo Sinédrio, dirigia-se à velha cidade síria, arquetizando planos hediondos e vis, animado pelo desejo insano de abortar o nóvo movimento religioso.

Mas, em meio à jornada, quando o Sol já quase atingia o meridiano, nas cercanias de Salaijé, graciosa saliência do monte Líbano, uma luz refulgente, mais rutilante que a do Sol, circundou o arrogante e agitado caminheiro, e sob o fulgor desta luz intensa, êle tombou atemorizado, vencido. Cego, prostrado no leito da movimentada via, sentindo-se inteiramente dominado, desejando saber quem era o seu poderoso contendor, interpelou:

— Quem és Tu, Senhor?

A voz celeste replicou sem detença:

— Sou Jesus de Nazaré, a quem tu persegues.

Saulo sentiu então, com tôda a violência, que estava à mercê dAquele que o vencera. Nesta impertinente luta que movia contra o execrado Nazareno — luta desigual, bem se vê — foi êle subjugado de maneira surpreendente e inapelável.

Sob o domínio de fortes emoções, ouviu as solenes palavras de Jesus:

"Mas levanta-te e põe-te sobre teus pés, porque te apareci por isto, para te pôr por ministro e testemunha." Atos 26:16.

Paulo foi escolhido para ser um ministro. Mas, o que é um ministro?

Às vèzes pensamos de um ministro como alguém que apenas prega o evangelho. Porém, o vocábulo ministro encerra um significado mais amplo e abarcante. Implica realmente a idéia de ministrar ao enfêrmo, ao que sofre, ao desalentado, de visitar os pobres, e até mesmo, assistir aqueles que, desventurados, se encontram proscritos dentro das paredes de um cárcere.

Em outras palavras e em síntese, ser ministro significa andar nas pegadas de Jesus. E "não

necessitamos de ir a Nazaré, a Cafarnaum, ou a Betânia para andar nos passos de Jesus," escreveu a Sr^a White. "Encontraremos Suas pegadas ao pé do leito dos doentes, nas choças dos pobres, nos apinhados becos das grandes cidades, e em qualquer lugar onde há corações humanos necessitados de consolação. Fazendo como Jesus fazia quando na Terra, andaremos em Seus passos." — O Desejado de Tôdas as Nações, pág. 479.

Nestes dias de insensibilidade e indiferença diante das comoventes necessidades e desditas humanas, devemos desenvolver em nosso ministério a terna simpatia do bom samaritano.

Os escritores do Nóvo Testamento valeram-se de diversas outras expressões gregas para salientar outros aspectos da obra de um ministro.

Judas se chamava a si mesmo escravo (doulos), servo do Mestre. Tiago se expressava da mesma forma, e Pedro salientava a sua condição de "servo do Senhor."

Mas, o que é um servo? Um servo em realidade é um escravo, não submetido ao arbítrio de um amo severo, inflexível e cruel.

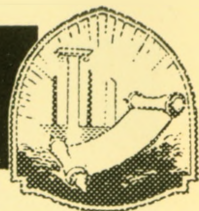
Na antiga economia judaica, cada sétimo ano era um período especial de libertação, e todos os escravos de acôrd com a lei de emancipação eram postos em liberdade. Se, entretanto, um escravo rejeitasse a alforria outorgada pela lei, preferindo continuar sujeito ao seu amo, como sinal de sua submissão voluntária, era levado à presença do juiz e aí, à porta, o senhor lhe furava a orelha direita, e êle seguia servindo-o voluntariamente. (Êxo. 21:6.)

Êste é o tipo de serviço que nasce entre um ministro e o Senhor Jesus. Voluntariamente servimos a Cristo. Há entre nós e o Redentor uma união permanente, um indissolúvel vínculo de servidão.

Deus nos comprou da mesma maneira como eram comprados os escravos. Comprou-nos com o sangue de Jesus. Não mais nos pertencemos.

(Continua na pág. 23)

ARTIGOS GERAIS



A "Justiça Pela Fé" Incentivou a Associação Ministerial - I

LERROY EDWIN FROM

Professor Emérito de Teologia Histórica na Andrews University



TALVEZ nossos obreiros não estejam muito inteirados disso, mas foi principalmente A. G. Daniells quem suscitou a renovação sobre a justiça pela fé, então um tanto atenuada, com sua parte relevante na formação da Associação Ministerial na década de 1920. Como jovem colaborador dêle durante o tempo dêste como-

vente episódio, possuindo íntimo conhecimento pessoal de suas ardentes convicções e acariciadas esperanças, de sua visão e planos quanto ao transformador reavivamento dela no ministério do Movimento Adventista, desejo partilhar com nossos obreiros mais novos, a história oculta dêste momentoso despertar, cujo significado não é compreendido por todos.

Antes, porém, apresentemos sucinto esboço da vida do pastor Daniells:

Artur Grosvenor Daniells (1858-1935), um dos grandes dirigentes adventistas, frequentou o colégio de Battle Creek, lecionou numa escola, trabalhou como aspirante ao ministério sob a direção de R. M. Kilgore, empenhou-se na obra evangelística e dirigiu uma escola de preparo para instrutores bíblicos. Em 1886 foi designado para o serviço missionário na Nova Zelândia e na Austrália, permanecendo catorze anos ali, e tornando-se finalmente presidente de União. Reconhecendo-se nêle um dirigente promissor, em 1901 foi eleito presidente da Associação Geral.

Raiava um novo dia. A sede da Obra foi transferida de Battle Creek para Washington, D. C. Realizou-se eficiente reorganização, instituíram-se os departamentos e graves crises em nossa obra médica e em outros setores da Obra foram

solucionadas. Acentuada expansão missionária caracterizou sua administração. Sua liderança exerceu tremendo impacto sobre o Movimento Adventista. Depois de 1922, coube-lhe a responsabilidade de conduzir nosso ministério a novas alturas espirituais. Como verdadeiro líder espiritual, acendeu as candeias de milhares de pessoas com a chama sagrada que ardia em seu próprio coração. Afinal as sombras crepusculares incidiram sobre sua vereda. A contribuição pessoal dos doze últimos anos de sua existência, é mencionada a seguir, de modo confidencial.

Enlevado Pela Mensagem de Reavivamento e Reforma

O pastor Daniells não esteve presente na histórica conferência de Mineápolis, em 1888. Encontrava-se na Nova Zelândia nessa ocasião, e depois na Austrália. Por conseguinte, não se envolveu na importante discussão da justiça pela fé e de outros pontos correlatos, em 1888. Durante o longo tempo em que exerceu a presidência da Associação Geral (1901 a 1922), Daniells contribuiu grandemente para desenvolver nossa presente estrutura denominacional, com seus vários departamentos. Tomou parte saliente na monumental transferência da sede da Obra para Washington, D. C., que assinalou nova ordem de coisas. Acima de tudo, absorveu-se na notável expansão das Missões estrangeiras, que ocorreu sob sua administração. Nestes múltiplos aspectos de liderança, foi grandemente abençoado por Deus.

Após ser desobrigado da presidência, em 1922, além de secretário titular da Associação Geral, tornou-se secretário da recém-instituída Comissão Ministerial, pouco depois alterada para Associação Ministerial. Defrontando-se agora com novo repto, e bastante cõscio de suas próprias defi-

ciências pessoais, Daniells começou a examinar o coração a fim de descobrir o motivo de suas próprias fraquezas e imperfeições, e para procurar a razão oculta de nossa debilidade como ministério e de nossas constrictões como igreja. Começou a rever o passado a fim de aprender lições básicas como orientação para o futuro. Esta foi a experiência que ele me contou.

Isto o conduziu a enérgico estudo dos respeitáveis conselhos dos escritos do Espírito de Profecia, para descobrir as causas de nossas grandes necessidades, bem como o remédio para elas. Começou sua investigação dos escritos da Sr^a White anteriores à memorável reunião de Mineápolis, em 1888 — principalmente as mensagens que ela transmitiu ao povo adventista na *Review and Herald*, que naquele tempo eram bastante desconhecidas, devido a não serem muito acessíveis a nossos obreiros. Acompanhou então consecutivamente os seus conselhos, para obter um quadro geral. Ficou profundamente impressionado com o que descobriu, e isto induziu a ação decisiva.

Transformadas sua Própria Vida e Visão

Daniells comoveu-se com duas penetrantes mensagens, de ênfase e fraseado semelhante. Uma apareceu na *Review* de 22 de março de 1887, antes portanto da reunião de Mineápolis; a outra foi publicada mais tarde, isto é, na *Review* de 25 de fevereiro de 1902. Embora semelhante à primeira, a segunda não era meramente uma repetição, mas sim uma ampliação e intensificação da mensagem primitiva — era de tom mais imperativo. Ambas apelavam para genuíno arrependimento e reforma entre nós, como a maior de todas as nossas necessidades. Constituíam solene apêlo, convidando-nos a dedicar-nos a isso como nossa obra mais urgente. O segundo artigo fazia uma distinção entre reavivamento e reforma, e advertia do perigo da negligência ou rejeição. Ampliava o primeiro.

Estes notáveis apelos e desafios constituíram nova descoberta para Daniells. No que dizia respeito a ele, haviam estado ocultos e esquecidos nos arquivos da *Review*, até que ele os descobriu para si. Quanto mais refletia em suas mensagens, mais lhe enterneciam a alma. Despertaram-lhe a consciência e estimularam sua resolução. Antes de tudo, revelaram sua própria fraqueza e a debilidade da igreja que ele amava. Tornaram-se para ele um convite a arrependimento e ação pessoal. A isto ele reagiu com reserva. Eles arderam, por assim dizer, como fogo em seus ossos. Tornaram-no uma chama acesa para Deus, a fim de que ele por sua vez inflamasse outras vidas.

Estudando agora especialmente o que dizia respeito à suprema questão da justiça pela fé, ele deparou com os importantíssimos assuntos

da notável Conferência de Mineápolis. Daniells sentiu-lhes o impacto e humilhou o coração perante o Senhor. Sentiu-se então impellido a partilhar suas descobertas e convicções com o ministério deste movimento, em cujas mãos — julgava ele — repousa o destino da igreja remanescente. A responsabilidade que lhe fôra confiada como secretário da Associação Ministerial, proporcionou-lhe oportunidade para isso, e essas admiráveis mensagens sobre reavivamento e reforma supriram-lhe a autorização e constituíram o âmago de sua mensagem.

O Ardor é Transmido a Outras Vidas

Daniells começou a operar dum modo bastante eficiente — através duma sucessão de vitais congressos ministeriais. Isto ocorreu durante 1923 a 1925. Estes congressos levaram-no primeiro ao Sudoeste, ao litoral do Pacífico e ao Noroeste. Estas reuniões de obreiros tinham distinta ênfase de reavivamento e renovação. Nêles, vários homens como Meade MacGuire, Taylor Bunch, E. K. Slade, Carlyle B. Haynes e outros também ficaram bastante impressionados, e sua visão se elevou. Tornaram-se imbuídos das mesmas mensagens. Operava-se um reavivamento da verdadeira piedade, com vigorosa ênfase sobre os princípios e as provisões básicas da justiça pela fé.

Convém declarar, porém, que simultaneamente Deus estava impressionando outros homens a chamar a atenção para novos aspectos desta grande gema da verdade — como W. W. Prescott, com seu inestimável compêndio *Doctrine of Christ* (1920) e suas lições da Escola Sabatina sobre a plena suficiência de Cristo, abrangendo o ano de 1921. E O. Montgomery na América do Sul era outro. O Espírito de Deus estava despertando diversas mentes e movendo vários corações. Em 1920 um de nossos poetas, Worthy Harris Holden, expôs a justiça pela fé em fraseado impressionante. Houve definido avivamento.

Cristo foi exaltado em tudo isso. Dava-se ênfase ao verdadeiro coração palpitante da terceira mensagem angélica. E a relação destes aspectos para com o alto clamor, a chuva serôdia e a terminação da obra em poder, tornou-se cada vez mais evidente a Daniells. Veio a ser a idéia central de seu coração.

Tanto Oposição Como Aceitação Jubilosa

A chama espalhou-se e começou a arder intensamente em outras vidas, embora com alguns, enlevados em responsabilidades rotineiras e funcionais, parecesse haver pouca reação. Ora, é um fato inevitável que ninguém pode permanecer durante um período de anos como o dirigente administrativo de nossa obra — com suas confrontações e disciplinas — sem suscitar

o antagonismo e a oposição de alguns. E naqueles difíceis anos de transição, Daniells recebeu recomendações para enfrentar os pontos em debate de modo resolutivo, e êle o fez com firmeza e êxito.

Como resultado, alguns pareciam opor-se a tudo que o pastor Daniells promoveu mais tarde — mesmo o conselho do Espírito de Profecia referente a normas espirituais. Percebeu que isto seria um fator da diferente recepção de suas mensagens, especialmente em algumas regiões. E realmente sucedeu assim. Mas êle alegrou-se de que houvesse sempre um núcleo de fervorosos homens de talento e consagração, que correspondiam sem reservas. Isto era especialmente verdade acêrca de certos jovens. Êles pegaram e impeliram para a frente a tocha da verdade apresentada para aquêle tempo. Nisso residia a grande esperança de Daniells.

A Mensagem de Daniells Atinge-me a Vida

Foi a essa altura que a mensagem do pastor Daniells atingiu minha própria vida, comovendo-me profundamente. E aqui tenho de ser relevado pela intimidade da narração. Criado na doutrina adventista desde o nascimento, pois meus pais já o eram antes de mim, travei conhecimento com o pastor Daniells quando eu era adolescente — pois morávamos na casa ao lado de sua residência em Takoma Park. Meu pai, o Dr. João Edwin Froom, fôra chamado pelo pastor Daniells para ser o secretário do recém-organizado Departamento Médico da Associação Geral, após a mudança de Battle Creek. Assim Daniells conheceu-me na tenra adolescência, e jamais deixou de manifestar interesse em mim.

Êle exerceu profunda influência sôbre minha juventude. Instou comigo para que eu modificasse os meus planos e me preparasse para o ministério. Então, após a ordenação, aconselhou-me a obter conhecimentos de redação na Pacific Press, e finalmente a ir para a China, como missionário. Depois, obrigado a regressar para a pátria devido à saúde de minha espôsa, tornei-me redator da revista *The Watchman*, em Nashville, Tenessi, na Southern Publishing Association. Êsse foi o próximo ponto de contato vital. Instou que eu estivesse presente. Tinha algo de que eu precisava.

Aquiescência Mental a um Sistema de Verdade

Permiti-me fazer esta confissão: Eu sempre havia sido ardoroso adventista, inabalável na lealdade a nossas doutrinas, fascinado com a profecia bíblica e procurando em todo o tempo, como um advogado, apresentar a melhor defesa possível para o adventismo, perante o mundo. Esforçava-me bastante, e acreditava profundamente no triunfo desta mensagem e dêste mo-

vimento. Contudo, para mim o adventismo era então, em grande escala, devotamento a belo sistema de coordenada verdade doutrinária e fidelidade a uma especial mensagem de Deus, e à Palavra. Meu cristianismo era principalmente dedicada aquiescência mental a primorosa e lógica estrutura de verdade abstrata, enviada pelo Céu. À sua proclamação, entregara-me eu sem reservas. Apresentava as razões para o adventismo. Eventualmente, fiquei sabendo que centenas de outros obreiros manifestavam a mesma atitude e tinham uma experiência semelhante. Era uma característica comum entre os indivíduos mais jovens.

Nesse tempo, porém, preocupava-me em atingir as classes mais elevadas com a revista *The Watchman*. Estava impressionado com os repetidos apelos do Espírito de Profecia, de que deviam ser alcançados os advogados, pregadores, professores, legisladores, magistrados, profissionais, redatores e grupos semelhantes — uma impressionante lista que eu havia reunido. Procurávamos estabelecer uma revista com essa finalidade. Não obstante, oprimia-me certo sentimento de inutilidade. Algo parecia estar faltando e causando embaraço. Os critérios de apresentação do adventismo ao público naquele tempo, não estavam sendo muito bem sucedidos. Eram principalmente doutrinários e demasiado negativos. Nossa aproximação não parecia ter o apêlo necessário, e amiúde era bastante mal interpretada.

Seriam a aproximação e o apêlo, ou a substância de sua mensagem e ênfase, que eram deficientes? Constituía isto o meu problema pessoal e profunda preocupação quando A. G. Daniells chegou a Nashville, no outono de 1925, para um de seus penetrantes congressos, realizado na capela da Southern Publishing Association. Eu anelava pela genuína luz e ajuda que êle trazia, e o mesmo sucedia com muitos outros.

Transferindo a Lealdade Para Cristo

Fui um dos que se impressionaram e comoveram profundamente com as reuniões do pastor Daniells. Obtive forte vislumbre de minha própria inutilidade e ineficácia. Comecei então a ver o motivo da dificuldade original, e acima de tudo, a descobrir o remédio. Constituiu o momento decisivo de minha vida e ministério, bem como para os de outros. Compreendi que o cristianismo era essencialmente *uma relação pessoal para com uma Pessoa* — Jesus Cristo, meu Senhor. A proclamação desta mensagem devia ser a exposição de Cristo como o centro de toda doutrina, o âmago de toda apresentação. Êle devia ser o poder atrativo, a essência, o *coação vivo* da mensagem. Isto tornou-se interessante, real e pessoal para mim.

Eu estivera crendo e confiando numa mensagem de verdade em vez de numa Pessoa. Havia estado propagando uma mensagem em lugar de proclamar verdadeiramente um evangelho. Inconscientemente colocara a afeição e a lealdade num movimento instituído por Deus, em vez de no Cristo radiante desse movimento. A mensagem era somente uma aplicação atual do evangelho eterno. Para mim, foi isto um conceito revolucionário, um surpreendente mas abençoado avivamento. Abracei-o com todo o fervor, e jamais essa noção mais correta decresceu ou oscilou. E isso tornou-se o testemunho de muitos outros.

O pastor Daniells notou quão profundamente fiquei comovido, e como foram alterados minha visão, meus motivos, métodos e objetivos. Isto induziu-o a ter uma longa palestra comigo. Surpreendeu-me então, solicitando que eu me unisse a ele na Associação Geral, como seu jovem auxiliar na Assoc. Ministerial.

Ele estava bastante cômico da necessidade de produzir literatura que tornasse saliente e difundisse este notável movimento de renovação e reforma espiritual. Não possuíamos literatura dessa espécie, com exceção das preciosas declarações nos escritos do Espírito de Profecia. Ele achava que devia ser produzido novo tipo de literatura, e fundada uma revista para os pregadores. Imaginou a Associação Ministerial como tribunal para este grande avanço, e a revista *The Ministry* como púlpito.

Valiosos Pensamentos Impressionam Muitíssimo a Daniells

No conselho deliberativo da Associação Ministerial em Des Moines, Iowa, no ano de 1924, foi —

“Votado solicitar que o pastor Daniells providencie uma compilação dos escritos da Sr^a E. G. White sobre o assunto da Justiça Pela Fé.”

Esta ação cristalizava os pedidos de vários grupos de obreiros e Uniões, e supria a necessária autorização. Com a ajuda de auxiliares de escritório iniciou-se “exaustiva pesquisa” através de todos os nossos periódicos denominacionais, em busca de mensagens especiais de Ellen G. White publicadas entre 1887 e 1915, o ano em que ela faleceu.

A descoberta inicial de certas declarações de longo alcance “maravilharam e assustaram” o pastor Daniells. Adveio-lhe a profunda convicção de que precisava “livrar estas gemas de sua obscuridade” e apresentá-las diante de todos os nossos obreiros, a fim de que seu “esplendor e beleza” pudessem ser vistos, e aceito seu sentido desafio. (Não possuíamos então a inapreciável coleção de seis volumes dos artigos de Ellen G. White na *Present Truth* e *Review and Her-*

ald. E poucos obreiros tinham acesso a arquivos completos.)

O assunto desenvolvido era a justiça pela fé, centralizada em Cristo e irradiada d’Ele. Amstras de partes do manuscrito foram enviadas a leitores perspicazes. A reação foi entusiástica, instando-se que ele fôsse publicado em forma de livro, o quanto antes possível. Em seu “Prefácio,” declarou com franqueza o pastor Daniells:

“Em nossa cegueira e apatia de coração, vagueamos longe do caminho, e durante muitos anos temos deixado de apoderar-nos desta sublime verdade. Mas durante todo esse tempo nosso grande Dirigente tem convidado Seu povo a alinhar-se sobre este notável fundamento do evangelho, recebendo pela fé a justiça *imputada* de Cristo em favor dos pecados passados, e a justiça *comunicada* de Cristo para revelar a natureza divina na carne humana.” — *Christ Our Righteousness*, pág. 6.

Duplas Convicções Tomam Posse de seu Coração

A primeira convicção vigorosa que adveio a Daniells em resultado deste estudo, foi o fato agora familiar de que “*pela fé no Filho de Deus, os pecadores podem receber a justiça de Deus.*” — *Idem*, págs. 6 e 7. (Grifo seu.) Conquanto ele por muito tempo cresse nisto como uma doutrina abstrata, ela tornou-se agora viva e incentivante realidade para Daniells. Sentiu-se impellido a partilhar esta nova experiência com outros, como seu testemunho vital. Novo propósito apoderou-se de sua vida. Nova tarefa estendia-se perante ele. A segunda grande convicção dizia respeito ao “propósito e providência de Deus em enviar a específica mensagem de receber a justiça de Deus pela fé a Seu povo reunido em Assembléia Geral na cidade de Minneapolis, Minnesota, no ano de 1888.” — *Idem*, pág. 7.

Começaram a revelar-se notáveis perspectivas da verdade. O sério apêlo de tudo isso comoveu-o vividamente. Tinha de apresentar-se novamente perante os obreiros. Instou e advertiu contra o desconsiderar a intenção fundamental e “perder a importantíssima lição que o Senhor tencionava ensinar-nos. . . É esta convicção que tornou necessárias . . . as experiências e elucidações relacionadas com a conferência de Minneapolis, e depois dela.” — *Ibidem*. Sentiu especial preocupação pelos obreiros mais novos que haviam vindo para a fé, ou ingressado no serviço, no século vinte, e que não estavam “informados” das circunstâncias e do significado dessa mensagem e da impelente necessidade apresentada. A estes ele precisava esclarecer e conquistar.

(Continuará no Próximo Número)

Quais São os Motivos que nos Impulsionam?*

OTO H. CHRISTENSEN

Professor de Religião e Línguas Bíblicas na Andrews University

CONSIDEREMOS o importante assunto da motivação: primeiro precisamos examinar cuidadosamente nossos próprios motivos, pois eles modelam nosso caráter; depois devemos lembrar-nos de que nossos motivos são conhecidos por Deus e seremos julgados por eles; e em terceiro lugar cumpre-nos perguntar que é um verdadeiro motivo, e como podemos obter ou adquiri-lo.

Indagou Jesus aos dois homens que O seguiram após o batismo d'Ele: "Que buscais?"

Que buscais? Uma profissão ou Jesus? Constitui esta uma pergunta muito apropriada para vós que desejais ingressar no ministério. Qual é vosso objetivo e motivação interior? Além disso, depois de estardes no ministério, como incentivareis vossas igrejas à atividade? Será por competição, por lucro material ou honra? Ou para glorificar o eu por estabelecer um bom recorde? Eis algumas questões que deveis decidir antes de ingressar na obra sagrada. Não precisamos de vendedores comerciais competindo por reconhecimento. Necessitamos de embaixadores para Cristo que proclamem uma mensagem de salvação a um mundo enfermo de pecado. Precisamos de homens que sigam o exemplo do Mestre, o qual "a Si mesmo não Se glorificou para Se tornar Sumo Sacerdote" (Heb. 5:5), mas orou: "Glorifica a Teu Filho, para que o Filho *Te glorifique a Ti*" (S. João 17:1). O eu e a glorificação de si mesmo, duma forma ou outra, são os maiores empecilhos ao verdadeiro êxito. Lembrai-vos também de que o verdadeiro êxito não é medido por apresentação pessoal ou de dados estatísticos no boletim da União ou nas revistas da igreja. O que importa não é o que o homem pensa, mas sim aquilo que é anotado nos livros de registo do Céu.

Nossos motivos interiores nem sempre são reconhecidos por nós mesmos. "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas . . . , quem o conhecerá?" Jer. 17:9. Talvez pensemos estar inteirados de nossos motivos, mas acabamos descobrindo que nosso coração nos enganou. Ananias e Safira pensavam conhecer os seus, até que a cobiça os iludiu. "Em meio às inquie-

tações da vida ativa é às vezes difícil discernir nossos próprios motivos, mas diariamente é feito progresso, quer para o bem, quer para o mal."¹

Se não nos é possível conhecer nosso próprio coração, por certo não devemos julgar o de outrem. "Portanto," declara Paulo, "não julgueis antes de tempo, até que venha o Senhor" (I Cor. 4:5). Deus não nos conferiu a tarefa de julgar o caráter e os motivos, mas recomendamos examinar os nossos próprios.

No mundo há dois princípios competindo pela supremacia. Podem ser traçados através dos registos da História e da profecia. Este conflito entre os dois penetra em cada aspecto da experiência humana. Devemos ver como em cada ato da vida revelamos "um ou outro desses dois motivos antagônicos," e por meio disto decidimos de que lado do conflito nos encontraremos.² Nossos motivos determinam então de que lado estamos, pois têm sua origem num ou outro deles.

Como aspirantes ao ministério, precisamos estar certos de quais são nossos motivos. Por conseguinte, cumpre que os examinemos e investiguemos cuidadosamente. É-nos dito que "O conhecer-se a si mesmo salvará a muitos de cair em graves tentações, e evitará muitas inglorias derrotas. Para nos conhecermos bem a nós mesmos, é essencial investigarmos fielmente os motivos e princípios de nossa conduta, comparando nossas ações com a norma de dever revelada na Palavra de Deus."³ "Precisamos examinar com cuidado o nosso coração e considerar os seus motivos. O egoísmo pode estimular o desejo de fazer alguma coisa que pareça um ato altruísta digno de louvor."⁴ Quão importante é tornarmo-nos familiarizados com nossa própria conduta diária e os motivos que incentivam o que fazemos! Somos aconselhados a recapitular diariamente os nossos atos. "Muitas ações que são tidas como boas obras, mesmo atos de beneficência, quando rigorosamente investigados, revelar-se-ão ser incitados por motivos errôneos. . . . O Esquadrinhador dos corações examina os motivos, e amiúde os feitos grandemente aplaudidos pelos homens são registados por Ele como procedendo de motivos egoístas e vil hipocrisia."⁵ Talvez em nenhuma profissão se-

* Palestra proferida perante os estudantes da Andrews University.



Professor
Brasileiro
Vence
Concurso nos
Estados
Unidos

O vencedor do recente concurso promovido por ocasião do vigésimo quinto aniversário da Baker Book House (E.E. U.U.), é o Dr. Siegfried J. Schwantes, da Andrews University, Berrien Springs, Michigan, e muito conhecido por suas atividades no magistério e ministério, em nossa pátria, antes de transferir-se para a América do Norte.

O título do manuscrito premiado, escrito pelo Dr. Schwantes, é: *A Short History of the Ancient Near East* (Breve História do Oriente Próximo). O prêmio consistirá numa viagem paga à Terra Santa.

Mais de 100 manuscritos deram entrada no concurso que terminou no dia 15 de novembro do ano passado. A obra do Dr. Schwantes será publicada pela Baker Book House, no corrente ano.

O vencedor do concurso graduou-se pela Universidade John Hopkins, em estudos semíticos, e obteve o grau de Doutor em Filosofia. Ocupa o cargo de professor associado de religião na Andrews University.

ja a porta a isso de tão fácil acesso como no ministério. É o motivo que caracteriza nossos atos e os assinala como ignominiosos ou de elevado valor moral. Notai esta impressionante declaração: "Tôda ação deriva sua qualidade do motivo que a origina, e se os motivos não são elevados, puros e altruístas, a mente e o caráter jamais se tornarão bem equilibrados." ⁶

Podemos ser capazes de ocultar os motivos dos homens, mas nunca os poderemos ocultar de Deus. São tão claros com a luz do Sol, para Ele. "Tôdas as nossas obras são passadas em revista perante Deus. Tôdas as nossas ações e os motivos que as incitaram serão franqueados à inspeção dos anjos e de Deus." ⁷ Repetidas vêzes nos é dito, tanto nas Escrituras como nos escritos do Espírito de Profecia, que Deus avaliará nossos motivos no juízo. Quão importante é pois que os motivos sejam corretos! "Não é o resultado que atingimos, mas os motivos por que procedemos, que têm valor para com Deus. Ele preza a bondade e a fidelidade acima de tudo mais." ⁸ Não sei se compreendemos isto na íntegra, como devíamos. Paulo estava ciente de que tinha de ser responsável por suas palavras e ações. Deus não é enganado por atos de

piedade. "Nossos atos, palavras, e mesmo nossos intuitos mais secretos, tudo tem o seu pêso ao decidir-se nosso destino para a felicidade ou para a desdita. Ainda que esquecidos por nós, darão o seu testemunho para justificar ou condenar." ⁹

Mesmo como professores, talvez tenhamos motivos egoístas. Alguns naturalmente estão interessados num setor, enquanto outros estão interessados nalgum setor diferente. Mas por que promovemos o ensino em que fomos instruídos? É para glorificar a Deus e dar aos estudantes adequado equilíbrio e perspectiva na vida, ou possuímos motivos egoístas? Admoesta-nos o livro *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*:

— "Nenhum ramo de estudo deve receber especial atenção com detrimento de outros igualmente importantes. Alguns professores dedicam muito tempo a um ramo favorito, exercitando os alunos em cada ponto, e elogiando-os pelo progresso feito, ao passo que esses estudantes talvez sejam deficientes em outros estudos essenciais. Tais mestres estão causando aos discípulos grande dano. Estão-nos privando daquele harmônico desenvolvimento das faculdades mentais que devem possuir, bem como de conhecimentos que deveras necessitam. Nessas questões, os professores são muitas vêzes impulsionados por motivos ambiciosos e egoístas." ¹⁰

Devido a isto, como professores, designamos às vêzes tarefas tão pesadas que se nossos alunos

as executassem, não teriam tempo para as outras matérias? Se fôr assim, seremos injustos para eles bem como para com os outros professores. É bem fácil passarmos por alto nossos próprios motivos em nosso entusiasmo pelo setor que nos pertence. Contudo, devemos lembrar-nos sempre de que Deus é equilibrado, e nos é declarado que isto ocorre devido a Seu amor altruísta. Esse amor altruísta também tornará corretos os nossos motivos e equilibrada a nossa atitude em tudo o que fizermos. Lembrai-vos de Daniel e de seus motivos puros, com todo o seu talento. Sua determinação era honrar sempre a Deus, e o Senhor deu-lhe autêntico êxito.

Que é um motivo verdadeiro? Como obreiros, tornamos a fama ou o prestígio de nosso distrito, associação ou instituição o nosso motivo, justificando-o com a asserção de que não é egoísta? Dizemos que êle não é causado por razões pessoais, mas visa à glória da igreja. Quão insidiosos podem tornar-se os motivos? Examinemos sinceramente o coração a fim de verificar qual constitui nosso verdadeiro motivo. Na tentativa de obter alguma recompensa terrena, podemos estar perdendo nosso galardão eterno. Em S. Mateus 6:1 e 2, nos é recomendado não dar as nossas esmolas diante dos homens para ser vistos por êles; do contrário não haverá recompensa para nós no Céu. Aos que realizam suas obras para serem vistos e glorificados pelos homens (e isto constitui uma das maiores tentações no ministério), disse Jesus: "Êles já receberam a recompensa." A palavra usada aí é *mistós*. Os papiros e ladrilhos descobertos no Egito revelam que êste verbo era bastante usado em conexão com recibos. Indicava que a dívida fôra paga completamente. Assim, mencionou Jesus, nada mais se devia aos hipócritas que foram bem sucedidos em alardear suas virtudes, recebendo a homenagem da multidão. Que quadro patético se o ministro que houver nutrido motivos egoístas, ocultos, e que tenha sido elogiado, deparar com o recibo divino: "Pago na íntegra!" Não lhe restará galardão adicional no Céu. Que preço mesquinho é assim obtido! É isso que desejamos? Receio que êste motivo é assaz predominante. Devemos compreender a importância de motivos corretos, caso queiramos ter a aprovação do Céu.

"Quando Cristo habita na alma, o pensamento de remuneração não é supremo. Êste não é o motivo impelente do nosso serviço. Verdade é que num sentido secundário devemos olhar à recompensa. Deus deseja que apreciemos as bênçãos prometidas. . . . O amor a Deus e a nós mesmos semelhantes deve ser o nosso motivo." ¹¹ Disse Paulo: "Pois o amor de Cristo nos constrange."

Faz alguns anos, recebi uma bôlsa de estudos da Universidade de Nova York para freqüentar um curso de seis semanas em Israel. Enquanto

esperava o avião no aeroporto de Roma, conversei com um indiano que passara algum tempo na Itália estudando motores *diesel*. Nossa conversação foi interrompida ao chegar a hora de entrar no avião. Após o lanche, êle aproximou-se do meu assento e indagou se poderíamos continuar nossa palestra. Esta penetrou em assuntos religiosos. Êle era hindu, mas jamais me esquecerei de sua filosofia religiosa. Versando nossa conversa sôbre o assunto do Céu e do inferno, com firmeza manifestou não acreditar em ambos, e que o cristianismo revelava a sua debilidade devido a precisarmos ter um Céu como recompensa ou um inferno a evitar, a fim de fazer o que era certo. Sua crença consistia em que devemos fazer o que é justo por amor à justiça. Embora eu não pudesse prosseguir a consideração dessa idéia, disse a mim mesmo: "Não estás longe do reino de Deus." Qual é nosso motivo em fazer o que é correto? É egoísta, para salvar-nos do inferno, ou para obter um galardão no Céu? Creio que devemos analisar os motivos para o que fazemos, e ver se êles são de origem celestial. O egoísmo provém de baixo; o altruísmo é do alto. Por que praticamos o bem?

"O desejo de honrar a Deus deve constituir para nós o mais poderoso de todos os motivos. Êle nos deve impelir a fazer todo esforço para aproveitar os privilégios e as oportunidades que nos são proporcionados, a fim de compreendermos a maneira de empregar sãbiamente os bens do Senhor." ¹² "Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus." Depois de citar isto, declara o dom de profecia: "Eis aí um princípio que se acha à base de todo ato, pensamento e motivo; a consagração de todo o ser, tanto físico como mental, ao contrôlo do Espírito de Deus." ¹³

Estando nossos motivos de ação baseados em profundo e sincero amor pelo Mestre, isto naturalmente exigirá uma vida de respeito próprio. O respeito a Deus estabelece relação com o respeito a si mesmo, formado à imagem divina. Precisamos viver conosco mesmos, assim como com Deus. Em seu livro: *Motives for Christian Living*, afirma Guilherme King, no tocante ao respeito próprio como motivo cristão: "A existência com a devida consideração a si mesmo deve ser vivida de maneira a alcançar nosso respeito próprio. Ceder a alguma tentação poderá jamais ser conhecido pelos homens, mas vós o sabereis, e tendes de viver convosco mesmo. Andaríeis entre os homens com um segredo de culpa, com uma mancha escura na memória. Receberíeis o louvor dos homens, sabendo vós que tinheis somente direito a sua condenação. Haveríeis de curvar-vos sob vossa própria acusação de hipócritas. É a trágica derrota da vida o não conseguirdes vosso respeito próprio. Só podereis obter êsse respeito próprio se fordes leais à vossa própria convicção intuitiva do que é correto. Jesus reconheceu essa percepção inerente, ao perguntar: 'Por que não julgais por vós mesmos o que é justo?'" ¹⁴

O motivo genuíno apresenta-se como resultado, não como objetivo. Reconheço meus pecados; pranteio angustiado. Deus me perdoa

com misericórdia. Regozijo-me, e agora O sirvo prazerosamente; não por recompensa, honra, posição, competição ou prestígio. Este é o único motivo genuíno que produzirá verdadeiro êxito e obterá galardão no Céu. Como precisamos de obreiros com essa espécie de motivo! Então o Espírito Santo poderá operar, e o fará, e haverá cem conversões onde agora existe apenas uma. Como precisamos enterrar o eu para que Cristo seja visto! É comum falarem os jovens aspirantes ao ministério em várias igrejas perto da localidade em que estudam. Há alguns anos certo jovem evidentemente fizera uma ostentação um tanto desnecessária de suas qualidades como orador. O bondoso e dedicado ancião local desejava auxiliar êsse rapaz. Por conseguinte, no próximo sábado fez com que houvesse uma divisa afixada ao púlpito. Quando o môço se levantou para pregar, deparou com as solenes palavras: "Queremos ver a Jesus." Talvez não fizesse mal a alguns de nós que já somos ministros mais idosos, se esta divisa estivesse sempre sobre o nosso púlpito. Deus necessita de homens que olvidem o eu e permaneçam como sustentáculo do que é justo.

O amor ao eu é a causa de existir tanta transigência de princípios. Os motivos são errôneos. O eu quer proteger a si mesmo, e por isso justificamos nossa transigência. Oxalá Deus nos dê homens que permaneçam ao lado da justiça e verdade ainda que caiam os céus! Vivemos numa época de contemporização, e a pressão do ecumenismo pesa sobre nós em muitos sentidos. Ao cedermos, acompanhando esta onda ecumênica e pressão de conformidade, precisamos perguntar seriamente a nós mesmos: Qual é meu motivo?

Agora, que podemos fazer para possuir motivos corretos? Esta é a questão importante. Antes de tudo, o coração deve ser modificado. Estremeço ao ler: "Há poucos homens realmente consagrados entre nós, poucos que pelejaram e foram vitoriosos na batalha com o eu. Verdadeira conversão é decidida modificação de sentimentos e motivos; é virtual abandono das ligações mundanas, uma fuga de sua atmosfera espiritual, um afastamento do poder controlador de seus pensamentos, opiniões e influências." ¹⁵

É-nos dito que o Espírito Santo renova os motivos. Portanto, se desejamos ter motivos corretos, devemos possuir o Espírito Santo em nossa vida. Precisamos experimentar verdadeira consciência do pecado e completa entrega a Cristo, a fim de que Sua graça e verdade reíнем em nosso coração. Únicamente isto pode purificar nossos motivos e controlar nossas ações exteriores em harmonia com esta experiência. Não há outro remédio. À parte disso, como ministros retornareis à lei do egoísmo humano, que degradará vossos motivos para proveito pes-

soal. Mas servir impellido por motivos purificados pelo Espírito Santo, isto é a justiça de Cristo. "A religião de Cristo é algo mais do que conversa. A justiça de Cristo consiste em ações corretas e boas obras provenientes de motivos puros e altruístas. Justiça interior, ao passo que falta o adorno interior, será de nenhum proveito." ¹⁶

O amor a Deus deve governar todos os motivos. Isto nos elevará acima das influências corruptoras do mundo, que exaltam o eu. Escrevendo sobre o esforço de João em levar os crentes a compreender o privilégio que possuem, declara Ellen G. White: "E à medida que a este amor fôsse permitido agir amplamente e tornar-se o motivo impelente na vida, sua esperança e confiança em Deus e Seu trato para com êles seriam completos." ¹⁷ Notai as palavras: "Agir amplamente." Então seremos completos em nossas relações com Deus. Quando obteremos esta experiência? Que não deseja Satanás que os adventistas do sétimo dia saibam? "Satanás tem empenho em que ninguém reconheça a necessidade de se entregar completamente a Deus." ¹⁸

Havendo nós examinado minuciosamente os nossos motivos, e se êles forem corretos e altruístas, e quando tudo o que fizermos não fôr para glorificar o eu mas sim a Deus, então alcançaremos autêntico êxito, e grande será nosso galardão no reino dos Céus. De outro modo, já teremos recebido a recompensa, tendo sido pagos na íntegra pela honra e glória que os homens nos prestem egoistamente. Não escolhais o refugio, mas antes, "ao dares a esmola, ignore a tua esquerda o que faz a tua direita; para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai que vê em secreto, te recompensará. . . Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, e, fechada a porta, orarás a teu Pai que está em secreto; e teu Pai que vê em secreto, te recompensará." "Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto; com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e, sim, ao teu Pai em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará." S. Mat. 6:3-6, 17 e 18.

REFERÊNCIAS:

1. Testimonies, Vol. 5, pag. 420.
2. Ver Educação, pag. 190.
3. Obreiros Evangélicos, pag. 276.
4. Beneficência Social, pag. 234.
5. Testimonies, Vol. 2, pag. 512.
6. Sons and Daughters of God, pag. 171.
7. Testimonies, Vol. 4, pag. 63.
8. Obreiros Evangélicos, pag. 267.
9. O Conflito dos Séculos (Nova Ed., Revista), pag. 526.
10. Conselhos a Professores, Pais e Estudantes, págs. 207 e 208.
11. Parábolas de Jesus, págs. 398 e 399.
12. Mensagens aos Jovens, pag. 149.
13. Testimonies, Vol. 3, pag. 84.
14. King, Motives for Christian Living, pag. 125.
15. Testimonies, Vol. 5, pag. 82. (Grifo nosso.)
16. Idem, Vol. 3, pag. 528.
17. Atos dos Apóstolos, pag. 552.
18. Test. Sel., Vol. 2, pag. 390.

Mensagem aos Teologandos

Discurso pronunciado pelo professor Pedro Apolinário aos teologandos de 1964, ao ensejo da cerimônia de graduação.



AMÁVEIS teologandos de 1964, a bondade de vossa deliberação, convidando-me a paranimfar a solenidade desta noite festiva, em que recebeis a recompensa de longos anos de estudos e trabalhos, faz jus aos meus agradecimentos sinceros e inesquecíveis. Pela distinção que me conferistes, o meu mais leal e profundo muito obrigado.

O príncipe da tribuna sagrada no Brasil — Francisco de Monte Alverne — ao enfrentar seletivo e distinto auditório na Capela Imperial, já cego e cansado das lides da oratória, deixou ecoar pelo espaço esta frase que se tornaria célebre entre os oradores sacros: “Supra o assunto as forças que me faltam.” Parafrazeando o ilustre mestre da retórica nacional diremos: supra o assunto o vosso espírito esclarecido e lúcido, a vossa benevolência e compreensão, e sobretudo que minhas limitações e deficiências sejam supridas pela longanimidade e poderes divinos.

Amigos teologandos, estais sendo nesta noite laureados em Teologia.

Que significa receber um diploma em teologia?

Significa que tendes como objetivo vos tornardes obreiros de Cristo, ministros na Causa do Evangelho.

Que significa ser um ministro?

Nosso assunto é uma resposta a esta pergunta. Que significa ser um ministro?

Significa que tendes um sublime privilégio, mas privilégio que traz consigo árdua responsabilidade, pois sois chamados por Deus como Seus cooperadores na salvação de almas.

É alto privilégio ser chamado para cooperar com Deus, pois notai para o que disse Teodoro Roosevelt: “Sem dúvida o melhor prêmio que a vida oferece é a oportunidade de trabalhar arduamente numa obra digna de ser feita.”

Que trabalho pode haver mais digno de ser feito do que pregar o evangelho de Cristo, do que ajudar almas necessitadas? Evidentemente nenhum.

Ser ministro significa não ter a mentalidade

de certos formandos que crêem que por receberem um diploma não precisam mais estudar. Se há uma classe que sempre precisa estudar esta é a dos pregadores.

Como obreiros de Cristo não podereis malbaratar o tempo, deixando transcórrer as horas inútilmente, mas deveis empregá-las no aprimoramento intelectual, no aperfeiçoamento da vossa vida espiritual, pela meditação e oração e no trabalho abnegado, em prol dos necessitados.

Ter o título de ministro de Cristo significa que desejeis dedicar tudo o que sois e tendes ao trabalho mais santo já confiado a mortais.

Significa que estais dispostos a colocar-vos nas mãos de Deus para que a vontade d’Ele se cumpra em vós, e para alcançardes pleno êxito em vossa carreira deveis adotar esta máxima: “Senhor, aqui me encontro para o Teu serviço, para gastar-me e sacrificar-me se preciso fôr pela Causa do Evangelho.”

Significa não olvidar que o ministério é um trabalho que a pessoa não escolhe, mas que é escolhida por Cristo, como nos indica Paulo na sua 1ª Epístola a Timóteo, cap. 1:12.

E êste senso do chamado divino foi um dos segredos para o ministério profícuo de Paulo e deve ser também para o vosso.

Ser um obreiro eficiente, e forte espiritualmente significa que não podereis ter o coração dividido. Um ministro não pode ser um ganhador de almas e ao mesmo tempo um ganhador de dinheiro. Em nosso país há muitos adquiredores de dinheiro, mas poucos conquistadores de almas. Sêde sempre e unicamente grandjeiros de almas para Cristo.

Há um pensamento latino que diz: *Age quod agis* e bem se aplicaria a esta altura de nossas considerações, porque significa: Faze o que fazes, Faze só uma coisa.

Fazei o trabalho de Cristo com tóda a dedicação, com tóda a vossa capacidade e com tódas as vossas forças. Paulo assim agia e êste foi outro dos segredos para o seu desprendido e eficiente ministério.

“Uma coisa faço . . .”

Fazei só uma coisa — o trabalho para o qual Cristo vos escolheu.

Ser ministro significa encontrar no ministé-

rio incompreensões, problemas, contratempos e mesmo oposições, mas não se deixar abater por estas adversidades, e sim vencê-las com o poder que vem do alto.

Ser um representante de Cristo significa ter a consciência de que o vosso valor será medido não tanto pela vossa capacidade intelectual ou administrativa, mas principalmente pelo vosso caráter, por vossa formação moral, pela vossa dedicação ao trabalho e pelos vossos elevados e cignos princípios religiosos. Não podereis perder de vista que valores morais e espirituais sobrepõem valores intelectuais e materiais.

Significa também que como ministros de Cristo não podereis estar tão absorvidos pelos trabalhos da Igreja e problemas dos crentes que não sobre tempo para a vossa devoção pessoal, pois para cuidardes bem da vida espiritual dos outros, é necessário primeiro cuidar da vossa. Não podereis elevar o nível espiritual da Igreja se primeiro não elevardes o vosso.

“Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina, persiste nela, pois assim fazendo salvarás a ti mesmo e aos que te ouvem.” Conselhos de Paulo na primeira Epístola a Timóteo, cap. 4:16.

Ser ministro significa que não podereis ler a Bíblia como profissionais, não podereis orar como profissionais, não podereis trabalhar como funcionários públicos ou mercenários, mas deveis ler a Bíblia e orar para adquirir força espiritual, recebendo poder do alto para serdes valiosa ajuda aos necessitados, e não esquecer que o vosso trabalho não é uma profissão, mas um sacerdócio.

Ser ministro significa ter como objetivo nas pregações salvar e não atrair a popularidade.

Significa que o vosso estudo deve ter como escopo agradar a Deus e não agradar ao auditório para conseguir boa reputação.

Significa que deveis pregar sobre doutrinas essenciais à salvação e não sobre assuntos populares e sensacionais.

Significa pregar sobre a malignidade do pecado, reprová-lo no mundo e na Igreja, mostrando as conseqüências de não o abandonar, para que os ouvintes saiam, não contentes com o pregador, mas descontentes com o seu procedimento e desejosos de mudarem de vida.

Significa ter firmeza para que se vos perguntarem se é permitido tomar parte neste ou naquele divertimento, assistir a este ou àquele programa, ler determinados livros e revistas e sobre outras tantas questões congêneres, possais mostrar com todo o amor, mas também com toda a firmeza, os princípios e normas da Igreja, o que se encontra a este respeito na Bíblia e nos Testemunhos e não dizer: isto é uma questão de consciência, depende da opinião de cada um, não está em mim defender ou condenar estas coisas.

Ser um pregador do evangelho significa saber que Jesus não apresentou perspectivas brilhantes e caminho fácil a ser trilhado pelos Seus representantes aqui na Terra.

Disse o servo de Cristo, Rufus Jones: “Só existe uma tentação que nos persegue por toda a vida — o desejo de viver vida fácil.”

O verdadeiro servo de Cristo não pode esperar vida fácil e conforto material, porque êstes são empecilhos em seu ministério e obstáculos na trajetória para a cidade de Deus.

Significa também não perder de vista que não há salário abundante, nem cargos honoríficos, nem confortáveis vivendas, nem ainda multidões ansiosas para aplaudirem vossos sermões.

Significa que não podereis estar ansiosos por cargos e posições e muito menos que deveríeis ficar melindrados e agastados se a posições chegardes e a elas tiverdes que renunciar.

Significa que como representantes de Cristo, deveis representar o Seu caráter na palavra e na conduta.

No livro *Luz e Calor* do Padre Manuel Bernardes, encontramos êste pensamento: “Três classes de pessoas são infelizes na lei de Deus: o que não sabe e não pergunta; o que sabe e não ensina; o que ensina e não pratica.” Ser embaixador de Cristo significa que deveis saber qual é a vontade de Deus e ensiná-la aos que não a conhecem, mas primeiro o vosso viver deve ser um exemplo, porque nada desprestigia tanto a religião como o pregar dissociado da prática.

Para pregardes sermões poderosos e eficientes primeiro deveis vivê-los, e não vos esqueçais de que a vida do pregador é a única Bíblia que alguns têm a oportunidade de ler.

Ser ministro significa não escolher um lema por tradição, mas crer que o lema é uma frase estimulativa que nos ajuda a alcançar o alvo.

Êste lema: “Com Cristo, por Cristo até o alvorecer” deve impregnar toda a vossa vida.

Cristo sempre deve ser para vós a dádiva celestial a êste mundo necessitado, o fanal a iluminar-vos a meta do futuro, a esperança a confortar-vos em meio às vicissitudes da presente vida, o Redentor que traz alegria, paz e salvação a todos nós.

De que dependerá o êxito em vosso trabalho?

Muitas seriam as respostas em que poderíamos pensar, mas achamos que o segrêdo da vitória se encontra em vosso lema. Perfeita união com Cristo.

Livro *Evangelismo*, página 170:

“Nisto consiste o segrêdo do êxito, na pregação de um Salvador vivo, pessoal, de maneira tão simples e ardorosa que, pela fé, as pessoas se apossam do poder da Palavra da vida.”

Vereda de Cristo, pág. 67:

“Consagrai-vos a Deus pela manhã, fazei disso vossa primeira tarefa.

“Seja vossa oração: Aos Teus pés deponho todos os meus projetos. U-a-me hoje em Teu serviço.”

Quão poderoso e quão diferente seria o ministério adventista se cada obreiro seguisse ês conselhos.

Seria impossível estender-nos sôbre outras qualidades e atributos que deveríeis possuir, mas quero apenas ressaltar um predicado importante para o obreiro — a humildade.

Estimados teologandos, pregadores têm fracassado porque confiaram em seus talentos, porque se vangloriaram de seus triunfos, porque se ensoberbeceram pelas suas capacidades e aptidões.

Para não vos orgulhardes, esvaziai-vos do próprio eu, e enchei-vos de Cristo, porque o Seu exemplo nos inspira humildade. Notai bem que há dois traços que pintam um caráter: a atividade em prestar serviço, o que prova generosidade, e o silêncio sôbre o serviço prestado, o que prova a grandeza da alma.

Cosa alguma cerrará mais a porta do coração à religião do manso e humilde Jesus do que o orgulho.

Tihamer Toth — insigne escritor húngaro — conta no seu livro “Cristo Rei,” que nos sangrentos dias do comunismo na Hungria êle se encontrou com um môço estudante do quarto ano de bacharelato, com quem manteve animada conversação. A certa altura da palestra o môço disse que queria ser padre. Agora, respondeu-lhe o escritor, no mais aceso da perseguição religiosa, não sabes que sendo sacerdote estarás sujeito a morrer de fome, talvez num calabouço? O rapaz replicou com tôda a decisão: Não importa, Jesus Cristo também então estará ao meu lado.

De igual modo, distintos teologandos, não sabeis o que vos aguarda o futuro: Lutas, problemas e perseguições talvez tereis que enfrentar, mas podereis estar confiantes de que nessas horas difíceis Cristo estará convosco, se estiverdes com Êle e trabalhando por Êle.

“Não pare e não volte” era a inscrição que se lia numa ponte em determinada localidade.

Alguns graduandos em teologia, caminham com Cristo e por Êle trabalham durante algum tempo, mas depois abandonam o ministério para seguir outras carreiras e ainda um ou outro chega a perder a fé, abandonando a Igreja.

Jovens teologandos, eu vos concito a que não pareis na carreira cristã e muito menos que retrocedais do alvo a que vos tendes proposto.

Com Cristo, por Cristo até o alvorecer.

Daqueles que lançam mão do arado e olham

para trás, Cristo declarou enfaticamente que não são aptos para o reino de Deus.

A palavra alvorecer do vosso lema nos indica que estamos vivendo na grande noite do pecado, noite de misérias e sofrimentos, noite de tristezas, mortes e dores, e hoje sois enviados a esta noite com a missão sublime de serdes estrêlas fulgurantes, sempre brilhando por Cristo. Lembrai-vos, porém, de que o vosso brilho dependerá da ligação que mantiverdes com Cristo — a Estrêla da Manhã, o Sol da Justiça da palavra divina.

Disse Cristo aos Seus discípulos em São João 13:17: “Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes.”

Diletos formandos, de igual modo se atentardes para os ensinamentos divinos aprendidos nestes quatro anos na Faculdade de Teologia, se praticardes os conselhos e admoestações ouvidos desde sexta-feira até hoje nas solenidades de formatura, alcançareis a vitória e sereis bem-aventurados.

Antes de vos despedirdes destas colinas amigas e de nos separarmos, permiti que vos diga: Ide a todos os rincões de nossa Pátria e mesmo a plagas estrangeiras, mas sempre com Cristo, e se todos não pudermos mais reunir-nos aqui, praza aos Céus, que sem falta de nenhum estejamos nas mansões dos salvos por ocasião do grande alvorecer.

E quando se der o alvorecer, o que isto significará para o mundo?

Significará união para os que hoje vivem separados por seguirem a Cristo.

Significará abundância para os pobres, pão para os famintos, habitações para os desamparados, porque hoje o egoísmo e o orgulho dos ricos e poderosos não pode compreender o desprendimento dos genuínos cristãos.

Significará fala para os mudos, liberdade para os cativos; paz para os turbados; descanso para os cansados; alegria para os tristes; companhia para os solitários; imortalidade, para os mortais, porque todos êstes são atributos cristocêntricos.

Em vez de cruzeiros teremos coroas, flôres em lugar de cardos, paz em lugar de lutas, perdão em vez de condenação, harmonia em lugar de discórdias, vitória final se estivermos com Cristo e Cristo estiver em nós.

Finalizando, mais uma vez diremos: Ide com Cristo, lutai e trabalhai por Cristo, para que quando se der o grande alvorecer, vós, nós e todos os salvos incluindo as almas tiradas da noite do pecado, pelo vosso dedicado ministério, estejamos no lar dos remidos, abençoados pela resplandecente Estrêla da Manhã.

Oremos, lutemos e trabalhemos para que êste grande evento se dê ainda em nossos dias.

EVANGELISMO - Almas para Deus



As Relações Públicas e a Mensagem Adventista

AMÉRICO CIUFFARDI



DESDE que o mundo é mundo, e desde que começou a ser praticada a intriga na sociedade humana, houve Relações Públicas. A diferença entre o passado e o presente estriba-se no fato de que há mais ou menos duas décadas, as Relações Públicas alcança-

ram respeitável condição de arte social, foram estudadas cientificamente, reuniram-se experiências diversas e pela primeira vez se reconheceu seu valor na sociedade humana. Hoje em dia ela alcançou extraordinário auge, é empregada para as causas mais nobres e para as mais ruins, e em geral, não há comerciante que aspire a gozar de um mercado amplo e permanente de seus produtos, que não busque o auxílio técnico dos sagazes especialistas na Arte das Relações Públicas. Embora seja verdade que em si mesmas não são mais do que outro ramo do conhecimento das ciências sociais, também é verdade que têm sido desenvolvidas com maior empenho e eficácia por aqueles que procuram fins utilitários, do que por aqueles que seguem ideais elevados. Nesse sentido se cumpre o que foi dito por Jesus: "Os filhos do mundo são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz" (S. Luc. 16:8).

No entanto, rápida análise dos fundamentos da arte das Relações Públicas, tão em voga na atualidade, convence-nos de que não há necessidade de que seja assim. É uma arte aplicável à difusão dos princípios do evangelho, e tudo quanto é verdade na arte de vender honestamente um produto, também é verdade na arte de vender a idéia do evangelho, uma venda "sem dinheiro e sem preço," mas uma venda enfim.

Alguém definiu as Relações Públicas como "a arte gentil de estabelecer boas relações com as pessoas." O Criador determinou que o indivíduo não vivesse isolado do resto da comunidade social, e visto que deve partilhar seu "habitat" com os seus semelhantes, há de descobrir a maneira de conviver harmoniosamente

e de chegar à mútua compreensão através da cabal avaliação das necessidades do seu próximo. Outra definição a vê como "a arte de obter bom crédito perante as pessoas." Crédito, do latim "credere," ou crer, quer dizer desperdar confiança. É relativamente fácil para o cidadão que soube granjear a confiança alheia, obter um crédito bancário, pois todo o mundo "crê" em sua boa fé, em sua solvibilidade moral e nas prendas que lhe adornam o caráter. Entretanto, é extremamente difícil consegui-lo para quem não soube inspirar essa confiança, posto que em realidade pudesse oferecer o mesmo grau de solvibilidade moral e material. De nada vale ser solvente. É mister que o banqueiro venha a ter provas disso.

Outra definição estabelece ser ela "a arte de cultivar uma atmosfera de boa vontade ao nosso redor." Cremos ser acertada também. Muitos acreditam que a boa vontade é algo que há de dar-se por assentado. Deus enviou Seu Filho para identificar-Se com a natureza humana em Belém, a fim de obter a "boa vontade entre os homens" pelo sublime exemplo dAquele que tudo deixou para resgatar a humanidade enferma de pecado.

Todavia, em que consistem os objetivos procurados pela moderna arte das Relações Públicas, que possam ser aplicados na difusão de nossa mensagem? Eminentemente homem de negócios norte-americano, o Sr. José Boyle, vice-presidente da Companhia J. Walter Thompson, resume-os assim: "1) informar, 2) lembrar, 3) persuadir e 4) levar à ação." Em primeiro lugar é necessário inteirar o público do produto, da idéia ou da mensagem. Podem ser os melhores do mundo, mas se ninguém o sabe, carecem de existência real fora do âmbito individual. Nenhuma grande companhia comercial dar-se-ia ao luxo de lançar um novo produto no mercado sem promovê-lo convenientemente. Se não existe na mente do consumidor potencial, de nada importa que tenha existência nos armazéns. Não obstante, conhecendo a fragilidade da mente humana, é necessário que esse produ-

to seja impôsto repetidas vêzes à opinião pública. A conhecida bebida "Coca Cola," há décadas vem promovendo seu produto sem esmorecer em momento algum. Nas fotos informativas dos periódicos se vê "casualmente" um anúncio do produto, em determinada película cinematográfica se nota "casualmente" outra vez o anúncio, aonde se dirige o olhar, é lido êsse nome comercial, para não mencionar os custosos e atraentes anúncios nas mais afamadas revistas etc. A Coca Cola jamais tomou por certo que seu produto estava impôsto. Tem "despertado" o gôsto por essa bebida, tem "criado" uma necessidade por seu consumo, mas tem mantido também um aparato propagandístico sem claudicações, para conservar o produto perante a atenção pública. Êste sistema comercial lhe tem proporcionado os mais altos dividendos.

Além disso, o Sr. Boyle menciona a necessidade de "persuadir" o público. Aquêlle que oferece algo explorará todos os recursos da argumentação para salientar a excelência de seu produto ou de sua idéia, suas vantagens sôbre todos os outros e as conveniências de adotá-los. Finalmente êstes três passos hão de levar à ação.

Num mundo que se debate entre os mais intrincados problemas, temos de "informar" que possuímos a mensagem salvadora (clamar), temos de "lembrar," ou insistir sôbre o tema para que ninguém o olvide (em alta voz, ostensível e prolongadamente), temos de "persuadir" o mundo do pecado, da justiça e do juízo (por obra e graça do Espírito Santo, e Deus há de "levar" as almas "à ação" (a sair de Babilônia).

Chegando porém a um terreno eminentemente prático, creio que o principal objetivo da arte cristã das Relações Públicas seja o de "derribar barreiras e neutralizar preconceitos a fim de desembaraçar o caminho para a proclamação da mensagem." Anos atrás poucos de nós reconhecíamos sequer a existência do problema dos preconceitos e muito menos a necessidade de neutralizá-los. Mas num mundo cada dia mais complexo e competidor, os filhos de Deus devem ser "prudentes como as serpentes" a fim de oferecer ao mundo uma doutrina sistematizada em tôrno das necessidades do homem moderno. Desconhecer êste princípio seria desconhecer a realidade social dos tempos. Num mundo afligido por guerras civis e internacionais, a doutrina adventista deve estar apta a apresentar a paz individual e coletiva oferecida pelo evangelho de Cristo. Num mundo convulsionado por tremendas forças sociais, deve ser salientada a única justiça social que provém dos elevados princípios do evangelho de Cristo. Num mundo prestes a desesperar-se por temor à destruição atômica, precisamos oferecer o panorama otimista da Esperança Adventista.

No entanto, êsses objetivos não podem ser alcançados a menos que a Igreja Adventista do

Sétimo Dia consiga apresentar ao mundo uma imagem verdadeira de seu caráter, de seus desígnios e de seus procedimentos. E enquanto houver quem veja a Igreja Adventista sob falso prisma, sob um aspecto errado ou com uma visão desvirtuada da realidade, ela não poderá alcançar suas finalidades. Existe na atualidade uma denominação religiosa que diz ser cristã (embora não creia na coexistência eterna de Cristo com Deus o Pai . . .), cujo único evangelho parece ser o da desconsideração à autoridade civil, aos símbolos patrióticos, a certas noções da moderna ciência médica etc. A proeminência de doutrinas tão erradas como impopulares, sôbre as demais, está muito longe de granjear-lhe "boa vontade," "crédito" ou "boas relações" com as pessoas sensatas. Deveríamos ser capazes de aprender da experiência alheia. Se nalgum lugar em que vivemos exista a noção generalizada (como foi freqüente no passado) de que os adventistas são pessoas maníacas, que se vestiram de túnicas brancas em 1844 para subir às açotéias, que observam o sábado segundo o costume farisaico e que se dedicam a uma vida ascética, não haverá sermão capaz de atravessar essa forte muralha de preconceitos, a menos que comecemos a estabelecer a devida "imagem" da natureza da Organização Adventista.

Os comerciantes e os políticos são consumados artistas na arte das Relações Públicas. Afamada marca de cigarros anunciava até há pouco seu nefasto produto, desta maneira: "Fume, o cigarro que separa as crianças dos homens, mas não das damas . . ." Requer profunda compenetração da estrutura psicológica humana para produzir uma propaganda tão científica. Certamente, são "sagazes" os filhos d'êste século! Outros cigarros eram anunciados com relação às mais viris e desportivas qualidades do indivíduo, como se para ser viril ou para ser desportista fôsse necessário fumar . . . Alguns nobres produtos, como o Volkswagen conseguiram desenvolver uma "imagem" tal na mente do público, que só a menção das letras VW, só a visão de uma curva característica, evocam na mente do público as virtudes de economia, rendimento, durabilidade etc., que tem (ou não tem; não vem ao caso aqui) êsse produto.

Certas doutrinas materialistas têm conseguido criar uma "imagem" de justiça social, igualdade e prosperidade em determinados povos que buscam afanosamente a solução de seus problemas. Os políticos aparecem sorridentes, abraçando crianças ou ao lado da espôsa, nas campanhas políticas, a fim de criar uma "imagem" de cordialidade, respeitabilidade, moralidade, lealdade e compreensão das necessidades humanas. Os vendedores de automóveis facilitam a compra de seus produtos ou os presenteiam a pessoas no-

táveis da comunidade, como artistas, esportistas, ministros religiosos etc., para criar na mente do público a "imagem" de que essa marca corresponde às necessidades das melhores pessoas do lugar.

Por que, pois, não tornar atraente o evangelho cuja excelência supera infinitamente as coisas materiais, "como os céus são mais altos do que a Terra"? Por que não empenhar-nos em derribar as idéias insensatas que o inimigo se empenha em cultivar no coração das pessoas? Por que não aprender da moderna arte das Relações Públicas a maneira de apresentar nossa mensagem de maneira mais positiva? Por que não esforçar-nos em criar na mente do público a verdadeira "imagem" da natureza de nossa organização? Chegou o tempo de aprendermos a singeleza da pomba, a astúcia da serpente e também a "olhar mais alto" como a girafa.

Todos os departamentos de atividade da Igreja podem unir-se na tarefa de apresentar ao público esta "imagem" verdadeira. Um pastor da Divisão Sul-Americana descia no elevador de um hotel numa importante cidade do Brasil, com um frasco de mel "Superbom," produzido pela fábrica adventista do mesmo nome. Outro cavalheiro comentou quão bons eram os produtos "Superbom." Conhecia os adventistas pelo mel... Era um senador federal. Como resultado, estabeleceu-se uma série de valiosíssimos contatos pessoais com altos funcionários do governo brasileiro. Em São Domingos, República Dominicana, os escritórios de nossa obra estão situados num setor privilegiado da capital e foram edificadas de acordo com os mais avançados conceitos de arquitetura contemporânea. Naturalmente não podem agradar a todos, mas sucede que o povo que vive nesse bairro, o estudante universitário que passa todos os dias em frente ao edifício, o elevado funcionário público que reside nessa parte da cidade, admiram o edifício. É um elemento positivo e permanente de Relações Públicas. Nessa mesma cidade há um programa adventista de TV sobre assuntos do lar e da saúde, que goza da mais ampla audiência do país, segundo recente averiguação, e criou na mente da classe majoritária da comunidade a "imagem" de que somos pessoas inte-

ressadas na saúde de seus filhos, na felicidade de seus lares e na solução de seus problemas pessoais: nada mais nem menos que a verdade.

Devido à possível visita do furacão Cléo a essa cidade, alguém comunicou-se com a emissora governamental que transmitia boletins meteorológicos e notícias de interesse do momento, e conseguiu-se que durante meio-dia, todo o país soubesse que determinada igreja adventista "punha em estado de prontidão aos integrantes do Clube Juvenil Conquistadores, a fim de prestar qualquer serviço útil à comunidade. Não foram necessários os seus serviços desta vez, mas constituiu boa oportunidade para comunicar ao povo dominicano que existe um contingente de valorosos jovens adventistas sempre prontos para servir ao próximo. Não custou um centavo, mas ajudou a criar a "imagem" adequada para a pregação da mensagem.

Nos países em que nossa obra médica esta suficientemente desenvolvida, são incontáveis os benefícios que esse nobre apostolado tem proporcionado no terreno das Relações Públicas, além do alívio direto da dor humana. Essa obra só poderá ser avaliada devidamente no Céu. Somente ao chegarmos ao Céu poderemos saber também até que ponto o ministério da página impressa contribuiu para apresentar a obra adventista sob seu aspecto mais positivo, e a mensagem adventista de forma mais atraente.

Asseverou nosso Senhor Jesus Cristo: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará." Enquanto, porém, nossos semelhantes estiverem ligados a vis preconceitos, dominados por sentimentos negativos para com o evangelho, ou acorrentados por conceitos errôneos do que é a essência d'ele, não poderão apreciar as excelências da mensagem. Que se saiba a verdade acerca da mensagem adventista, e não o que é falso; que se tenha autêntica "imagem" de nossas doutrinas — eis aí uma tarefa que pertence ao domínio das Relações Públicas; eis aí uma ciência que santificada pelos nobres objetivos evangélicos, pode produzir os mais abundantes dividendos espirituais em almas ganhas para o evangelho, ou na colaboração franca e decidida da comunidade aos objetivos filantrópicos da Igreja Adventista.

COMPANHEIROS DE MINISTÉRIO!

CARAJÁ CHAMANDO... PEDINDO QUE VOCÊ:

- SEJA um verdadeiro MV para servir, fazendo da "JORNADA MV 65" uma realidade vibrante nas igrejas de seu distrito.
- CONTRIBUA liberalmente, a fim de ajudar a realização deste notável empreendimento.
- AJUDE as Sociedades de Jovens a ter e alcançar o seu alvo financeiro, com as ofertas MV de cada sábado.
- SEJA um propagador entusiasta da "JORNADA MV 65"!

OBRA PASTORAL



Fechai a Porta!

DANIEL R. GUILD

Diretor da Associação Ministerial da União Sudeste da Ásia



CERTO ministro que realizava uma viagem ao redor do mundo, passou o sábado em nossa cidade. No meio de seu excelente sermão êle transmitiu a triste notícia de que vários anos atrás fôra efetuada uma série de conferências na Europa, e “todos se regozijaram de que 300 pessoas se batizaram.” Acrescentou êle,

porém: “Difícilmente restará hoje alguém dessas 300 pessoas. No entanto, outro evangelista pretende realizar nova série de conferências nessa mesma localidade. Por que isso? perguntamos.”

Um membro presente na congregação estivera refletindo sobre o fervoroso apêlo do seu pastor para assistir às reuniões evangelísticas então em andamento. Mas excitado e exausto após um dia de trabalho penoso, e preferindo espreguiçar-se na poltrona de sua casa a fazer o esforço de freqüentar uma reunião evangelística, êsse membro encontrou naquele relato escolhido a exata desculpa pela qual estivera aguardando. A partir de então não consentiria que sua consciência estragasse seus serões na poltrona. Seja como fôr, o evangelismo não paga a pena; as pessoas entram pela porta da frente e saem pela porta dos fundos, pensou êle.

Fenda no Cérebro

Desanimado e cansado da penosa tarefa de ganhar almas por meio do evangelismo público, um pastor-evangelista na congregação refletiu seriamente. O orador abria-lhe uma fenda no cérebro — precisamente a que o diabo estivera aguardando para lançar sua semente de dúvida. Durante muitos anos o pastor-evangelista ouvira a declaração feita repetidas vêzes: “Mais são as pessoas que saem pela porta dos fundos

da igreja, do que as que ganhamos pelo evangelismo público.”

Assim, com a ajuda do maligno, o pastor-evangelista decidiu haver chegado o tempo de fechar a porta — a porta dos fundos. Precisava cortar isso pela raiz, pensava êle, e detê-lo desde o início. Devemos fechar a porta — tôdas as portas. Se pararmos de trazer pessoas à igreja por meio do evangelismo público, não precisaremos preocupar-nos com sua saída pela porta dos fundos.

O pastor da igreja, que estava assentado na plataforma, meditou sobre o que o visitante tinha a dizer. Pensou: “O presidente de nossa União com certeza tinha razão ao dizer-nos num congresso da Escola Sabatina que o evangelismo público não é a solução, e que podemos concluir a obra mediante as Escolas Sabatinas Filiais.” Leve sussurro perturbou-lhe a corrente do pensamento, ao lembrar-se de uma senhora que fôra conduzida à mensagem por meio duma Escola Sabatina Filial, e que logo se afastara. Contudo, o sussurro logo desapareceu, e êle assentou os pés firmemente contra a porta dos fundos, tomando a resolução de fechar a porta da frente a quaisquer conversos futuros em resultado do evangelismo público.

Abrir a Porta da Frente e Fechar a dos Fundos

Outro pastor ouviu falar dessa vergonhosa perda na Europa. Também começou a ponderar sobre fechar a porta — a porta dos fundos, naturalmente. Todavia, quanto mais pensava sobre isso, tanto mais compreendia que uma porta fechada nos fundos e outra aberta na frente são incongruentes. Refletindo nos seus dezoito anos de atividade em ganhar almas em várias igrejas de que fôra pastor e onde efeturara diversas espécies de evangelismo público e pessoal, ficou muitíssimo perplexo.

Lembrou-se da encantadora família com a qual

trabalhara tanto tempo, dando estudos bíblicos semana após semana, durante mais de um ano. Davam boas demonstrações de que se tornariam membros exemplares após o batismo. Não obstante, devido a lamentável série de circunstâncias, vários meses depois de terem sido batizados retiraram-se pela porta dos fundos da igreja.

Então havia aquela senhora ardendo de entusiasmo, que encontrara a mensagem inscrevendo-se no curso bíblico por correspondência, anunciado na revista *Signs of the Times*. Um membro leigo estudara com ela e a preparara para o batismo. Nosso pastor a examinara pessoalmente antes de batizá-la, e achou-a preparada em todo o sentido. Diversos anos mais tarde, porém, havendo-se mudado para outra localidade, ela deixou de pedir sua carta de recomendação, e afinal teve de ser eliminada do rol da igreja, por estar ausente.

À medida que caso após caso se projetava na mente deste pastor-evangelista, êle se tornava cada vez mais agitado. Havia o vizinho de um dos membros da igreja, que fôra batizado e se afastara. Mesmo os filhos de alguns adventistas, batizados em resultado duma Semana de Oração e uma classe batismal na escola primária, encontravam-se agora apartados do rebanho.

Muitas vêzes ouvira êle a comparação: "É maior o número de jovens de nossa igreja que perdemos, do que o das pessoas que ganhamos por meio do evangelismo público. Caso salvássemos todos os jovens de nossa igreja, aumentaríamos mais rapidamente do que no presente."

Fechar Tudo

Perpassando-lhe estas reflexões pelo cérebro, sua decisão estava tomada. Precisamos fechar a porta — fechar *tôdas as portas!* De hoje em diante serei pastor de meu rebanho. Se puder manter as portas cerradas e segurar os membros que tenho, e torná-los a espécie de membros que devem ser . . .

Enquanto êle refletia, o diabo rejubilava. E com bastante razão, pois não era o homem do talento enterrado, da parábola de Jesus, um dos conversos do maligno para o sistema da porta fechada? Não seduzira êle os judeus com essa opinião, conquistando-os firmemente para seu lado? Se tão-somente o diabo pudesse convencer todos os filhos e todos os ministros de Deus a fechar a porta para a filiação à igreja por meio de evangelismo pelas Escolas Sabatinas Filiais, Escolas Cristãs de Férias, evangelismo junto à lareira, evangelismo da mocidade, evangelismo pelo rádio, evangelismo pela televisão e tôdas as outras espécies de evangelismo, bem como o evangelismo público, tornaria fariseus a todos nós.

Por que Combater o Evangelismo Público?

Volvamo-nos deste interlúdio imaginário, pa-

ra o primeiro parágrafo deste artigo. Acaso não existe o perigo de que em nosso entusiasmo por salientar um ponto, apoiemos o inimigo em extinguir um meio dado por Deus para salvar pessoas? Será prudente atacar métodos de evangelismo ordenados por Deus, a fim de promover o tipo de evangelismo para o qual Êle nos tenha chamado? Não constituem as comparações que depreciam o que é bom para promover algo que também é bom, uma espécie de ênfase um tanto arriscada?

Caso fechemos a porta a tôdas as espécies de evangelismo público e pessoal, que sucederá então? Cerraria isto a porta dos fundos? Talvez impedisse que membros apostatados saíssem da igreja, mas não são os fariseus dentro da igreja tão perigosos como os apóstatas que se afastaram dela? Haverá mais esperança de que uma pessoa apostatada corrija sua conduta antes da volta de Jesus, do que existe no tocante a que um fariseu encontre verdadeira religião?

Quão equilibrado foi o conselho de Fordyce W. Detamore, o qual, ao ser-lhe perguntado por um de seus alunos se certo método de ganhar almas era bom, respondeu com seu habitual fervor e largueza de espírito: "Todo esforço para Deus é bom." Mantenhamos *bem aberta* a porta da frente!

Precisamos desesperadamente de construir portas mais resistentes nos fundos de nossas igrejas, pregando-as firmemente no lugar. Como pastôres, temos a obrigação de ver que *ninguém* se afaste inesperadamente. Ao mesmo tempo, porém, cumpre-nos ser realistas como Jesus. De acôrdo com Sua própria parábola do semeador, três dos quatro que acolheram a semente do evangelho finalmente se afastaram. Um dos doze discípulos de Jesus retirou-se pela porta dos fundos e negou o Mestre. E Paulo menciona alguém em favor do qual sem dúvida trabalhara diligentemente: "Demas, tendo amado o presente século, me abandonou." Quando se fez e disse tudo o que era possível, as pessoas têm a liberdade de escolher tomar o partido de Satanás.

Há muita coisa que podemos fazer para fechar a porta da apostasia. Eis algumas sugestões úteis nesse sentido:

1. Começar o programa de prevenir a apostasia antes de a pessoa ser batizada, preparando bem cada candidato ao batismo. Antes do batismo, devem êles dar provas de que se converteram, e ser instruídos em tôdas as doutrinas distintivas, freqüentar a igreja e a Escola Sabatina, dar o dizimo, pensar em enviar os filhos para a escola primária adventista e ler os livros do Espírito de Profecia.

2. Visitar freqüentemente tanto os membros novos como os velhos. "Como pastor do rebanho, êle [o ministro] deve cuidar das ovelhas e cordeiros, procurando os perdidos e extraviados."

dos, e levando-os novamente para o aprisco. Deve visitar toda família, não somente como hóspede para fruir-lhe a hospitalidade, mas para averiguar as condições espirituais de cada membro da família.” — *Evangelismo*, págs. 346 e 347.

O pastor que cuida duma igreja de trezentos membros ou menos, tem tempo suficiente para visitar cada membro pelo menos uma vez ao ano, e várias vezes os que estão em necessidade, durante o mesmo período. Um classificador de fôlhas soltas para visitas pastorais, ou um arquivo Rol-Dex, facilitam o manter atualizada a lista da igreja. Usando várias cores para os que estão doentes, para os que são fracos e errantes, e para os membros novos, pode o pastor com facilidade determinar quais os membros que estão em mais urgente necessidade de cuidado pastoral.

A visitação pastoral pode ser completada dividindo a cidade em distritos e designando cada um deles a um diácono e uma diaconisa, ou a um ancião e uma diaconisa.

3. Conhecer as ovelhas. Ao advir uma crise, ao nascer um bebê, ao encontrar-se alguém em dificuldade, ao notardes que algum membro se ausenta da igreja, ao suspeitardes de problemas domésticos, ao surgirem problemas financeiros, ao haver morte ou doença, mantende-vos junto de vossos membros. É nessas ocasiões que Satanás lança a semente da dúvida, e os membros se tornam descuidados e começam a afastar-se.

4. Conservar um registo de assistência no sábado de manhã. Isto pode ser feito por meio de um cartão de registo ou por uma fôlha destacável do boletim da igreja, preenchida por todo membro presente. Outro método consiste em dividir a lista de membros, e designar diversos diaconos ou diaconisas para anotar a assistência no sábado de manhã. Nalgumas igrejas isto pode ser feito pelos professores da Escola Sabatina. Os membros que não comparecem com regularidade à Escola Sabatina podem ser confiados a uma classe e anotados na parte de trás dos cartões de registo. Dupla vantagem resulta de designar o professor vários membros de sua classe para fazer diversas tentativas em convidar essas pessoas para freqüentar a classe deles. Há muitas maneiras para manter um registo de assistência. Cada pastor deve escolher o que melhor se adapte às circunstâncias.

5. Quando algum membro muda para outra localidade, comunicar-se com a igreja dessa região e avisá-los da chegada da referida pessoa. Algumas igrejas usam um cartão impresso ou mimeografado para esse fim. Outros pastores acham mais eficaz enviar uma carta pessoal ao pastor da nova localidade. Falhando todos os outros meios, um telefonema interurbano ao

pastor da nova região inevitavelmente produzirá resultado.

6. Integrar os novos membros no programa da igreja. Consegue-se efetuar isto com êxito, designando um amigo especial para cuidar do bem-estar do novo membro e relacioná-lo com os outros membros e o programa total da igreja. Ao se tornarem aptos para isso, dar aos novos membros responsabilidades na igreja e na Escola Sabatina, consolidá-los à igreja. Por meio de um programa “social para salvar,” podem os novos membros travar conhecimento com os membros mais velhos da família da igreja.

7. Manter todo novo membro ocupado no trabalho missionário. Nem todos os membros são extrovertidos, e o pastor deve ampliar o setor das atividades missionárias, a fim de que mesmo as pessoas mais tímidas possam participar delas. Quando os indivíduos ganhos para a verdade se põem a conquistar outros, cimentam sua própria união com Cristo.

8. A fim de conservar as pessoas preparadas para o reino, não existe algo mais eficaz do que o reavivamento da vida espiritual proveniente de assistir a uma série de reuniões evangelísticas repletas do Espírito Santo. Ouvir novamente a mensagem, ver almas hesitantes tomar decisões, beneficia tanto os membros fracos como os fortes. Por conseguinte, convém realizar freqüentes campanhas evangelísticas — pelo menos uma cada ano.

9. No sábado de manhã, pregar a palavra de tal maneira que os membros possam aplicá-la às realidades práticas do viver cristão. Disse certo ministro veterano: “Se eu pudesse reiniciar toda a minha carreira de pregador, pregaria mais sermões confortadores.”

10. Tomar providências para que cada membro receba o boletim da Associação ou União, bem como a *Revista Adventista*, *O Atalaia* etc.

11. Inscrever todos os membros novos num dos cursos bíblicos por correspondência.

12. Manter os novos membros na classe da Escola Sabatina dirigida pelo pastor, ou se êle cuida de mais de uma igreja, na classe dirigida por um dos melhores professores, que constantemente toma interesse pessoal por todo membro de sua classe.

Caso o pastor dirija uma classe bíblica para os que ainda não pertencem à igreja, convém que conserve os novos membros em sua classe, pelo menos durante seis meses após o batismo.

13. Nos sermões e nos contatos pessoais com eles, lembrar amiúde os novos membros de que o crescimento espiritual só ocorre mediante diária comunhão com Cristo, estudo da Bíblia e oração, e que a morte espiritual é inevitável, se estas partes forem negligenciadas por muito tempo.

O Ministro e Suas Finanças Pessoais

F. L. BLAND

Secretário Associado do Departamento Regional
Norte-Americano



COM certeza este tópico: "O Ministro e Suas Finanças Pessoais" não somente é oportuno, mas urgente, e deve-se reconhecer a sua importância. O ministro que deixa de conduzir suas obrigações financeiras com prudência, revela prejudicial debilidade e também demonstra não ser capaz de dirigir ou administrar os negócios da igreja de Deus, de maneira sábia e judiciosa. Para o ministro, o tempo e o dinheiro podem ser os mais pesados fardos da vida; ambos têm a faculdade de produzir grande bem e felicidade, quando usados corretamente — mas os mais desditosos de todos os mortais são aqueles que não sabem utilizar devidamente a ambos. Tal ministro causará aflição, desânimo e sofrimento a si mesmo, a sua família e congregação.

A Pior Espécie de Demônio

Escreveu Tryon Edwards: "Possuir dinheiro é muito bom; ele pode ser valiosíssimo servo; ser possuído por ele é ser possuído por... uma das mais vis e piores espécies de demônios."

"Todo o nosso dinheiro possui uma impressão moral," declara T. Starr King. "É estampado novamente na oficina monetária interior. As aplicações que lhe damos, o espírito em que o gastamos, dão-lhe um cunho plenamente perceptível ao olho divino." Com efeito, o Deus do Céu observa os negócios e as finanças pessoais do ministro. Também é mantido um registro pelo anjo assistente.

Hoje em dia é fácil comprar quase qualquer mercadoria a crédito. Esta tendência pode conduzir a grande angústia, pois algumas pessoas sobrecarregar-se-ão com dívidas. Afirmou Henry Ward Beecher: "Bôlha alguma estende-se mais rapidamente do que os juros sobre o dinheiro. Eles operam dia e noite, em bom e mau tempo. Roem o organismo humano com dentes invisíveis. Prendem... assim como as moscas são apanhadas numa teia de aranha. A dívida faz o homem rolar pelo chão, atalhe as mãos e os pés, deixando-o suspenso sobre a

armadilha fatal, até ser devorado pelos juros acumulados."

Examinemos agora este assunto sob a luz da Palavra de Deus, que declara: "A ninguém fiqueis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros: pois quem ama ao próximo, tem cumprido a lei" (Rom. 13:8). Conservar-se livre de dívidas deve ser a aspiração de todo ministro. Este desejo deve absorver-lhe o interesse e a atenção não só em favor de si mesmo, mas também em prol das igrejas às quais dirige. Jamais deveria ficar tão endividado, a ponto de suas obrigações constituírem uma fonte de desalento à sua família ou aos membros da igreja que contam com sua liderança. O dever do ministro é salvar almas, mas estas podem perder-se devido a pesados encargos de desnecessários compromissos financeiros em que o pastor esteja enredado.

Quando a Manutenção Ocasiona a Ruína

Além disso, este requisito de permanecer li
(Continua na pág. 23)





MÚSICA



EM certo sentido, há duas maneiras de estudar e considerar a Bíblia. Alguns apenas vislumbram nela uma arcaica coleção de escritos, a qual revela certos aspectos da vida dos hebreus, com alguns trechos literários. Ao passo que muitos devotos cristãos e judeus consideram a Escritura Sagrada como a Palavra de Deus, sem preocupar-se muitas vezes com os valores artísticos que encerra. Contudo, devemos lembrar-nos de que 40 por cento do conteúdo do Velho Testamento é poesia, e de altíssimo valor literário. Talvez a dificuldade resida no fato de que dependemos das traduções para o estudo da Bíblia.

O hebraico é um idioma de gramática relativamente simples, no entanto permite os mais variados matizes expressos em frases concisas e singelas, mas poderosas, que se encadeiam magistralmente, formando as mais diversas figuras de dicção e pensamento. É por isso que a beleza literária da Bíblia não se encontra tanto na rima ou em algum outro dos elementos formais, como na força expressiva do conteúdo, que se enriquece assim em profundidade e clareza.

Se há um trecho que resume as virtudes literárias da Bíblia, são os Salmos. Com muita razão escreveu Fenelon: "... Jamais ode alguma, grega ou latina, alcançou a grandiosidade dos Salmos." O livro dos Salmos pode ser considerado o hinário dos hebreus e é riquíssima fonte de inspiração para os cristãos.

A palavra "salmo" deriva do nome que se deu a estes poemas na Versão dos Setenta, e que em hebraico são denominados "Livro de Louvores." Foram feitas muitas conjecturas acerca dos autores dos Salmos, e até houve quem admitisse que escassamente uma dúzia deles datariam do período pré-exílico. Não obstante, aceita-se atualmente que quase a metade pertencem

Os Salmos

HUGO DARIO RIFFEL

"... é bom cantar salmos a nosso Deus."

a Davi, e o resto a outros sete autores conhecidos e numerosos desconhecidos, sendo recopilados antes do 3º. Século A. C.

Do ponto de vista temático, os Salmos podem ser agrupados de diversas maneiras. Uma classificação muito útil é a seguinte: *

1. Da Natureza. Sal. 8, 19, 29 e 104.
2. Históricos e Nacionais. Sal. 46, 68, 79, 105, 106 e 114.
3. Didáticos. Sal. 1, 15, 35 e 71.
4. Messiânicos. Sal. 2, 22, 69, 72 e 110.
5. Penitenciais. Sal. 6, 32, 38, 51, 102, 130 e 143.
6. Imprecatórios. Sal. 35, 52, 69, 83 e 109.
7. De oração, louvor ou adoração. Sal. 16, 55, 65, 86, 89, 90, 95-100, 103, 104, 107, 142, 143 e 145-150.
8. De Peregrinação. Sal. 120-134. (Cânticos de Ascensão ou Salmos do Peregrino).
9. Alfabéticos ou acrósticos. Sal. 9, 10, 25, 34, 37, 111, 112, 119 e 145.

Há evidências bíblicas de que os Salmos foram usados como o núcleo da música sagrada entre os hebreus. Também conhecemos as recomendações dos apóstolos Paulo e Tiago aos crentes cristãos, sobre o uso dos Salmos.

Ao sobrevir a Reforma, seus dirigentes aperceberam-se prontamente da importância do canto congregacional. Lutero aconselha a composição de hinos e a adaptação dos Salmos. Mas é Calvino quem conduz a Salmodia a uma posição preponderante e quase exclusiva. O ilustre reformador explica-se desta maneira no prefácio do célebre "Saltério de Genebra": "O que diz Santo Agostinho é verdade: não se pode cantar a Deus algo digno de Seu nome, a menos que seja recebido d'Ele. Porque, depois de haver buscado aqui e ali, não encontramos melhores canções nem mais apropriadas para esse uso, do que os Salmos de Davi, os quais o Espírito Santo ditou e fez, e por isso quando os cantamos, temos a certeza de que Deus põe Suas palavras em nossos lábios, como se Ele mesmo cantasse em nós para exaltar Sua glória." O referido saltério, publicado em 1562, continha os 150 Salmos em versão métrica fran-

cesa. 49 foram versificados por Clemente Maror e os 101 restantes por Teodoro de Beza. Havia 65 melodias diferentes, pois às vezes foi adaptado mais de um salmo para a mesma música. Os autores são desconhecidos, exceto Mateus Greiter, que compôs uma música usada nos Salmos 36 e 62. A maior parte das melodias restantes foram atribuídas, com certo fundamento, a Luís Bourgeois, embora êste se retirasse de Genebra em 1557, ou seja 5 anos antes da aparição do Saltério.

Exatamente na mesma data, surge na Inglaterra a versão métrica inglesa dos Salmos, de Sternhold e Hopkins, a qual também foi recebida com grande entusiasmo.

A partir dessa época, numerosos poetas e músicos em todos os países têm realizado versões dos Salmos. Por seu interesse histórico, sobressai o "Saltério com Melodias," publicado em 1612 por Ainsworth, e que foi levado à América pelos Pais Peregrinos. Assinala a introdução da Salmodia na América.

Com o transcorrer dos anos, aparecem cada vez mais hinos e corais "de composição humana," os quais substituem os Salmos nos serviços religiosos. A Hinodia se impõe na Inglaterra sob a poderosa influência de Watts e dos Wesleys, e logo inunda a América. A Salmodia é preservada pelos calvinistas e presbiterianos, principalmente, se bem que não seja exclusiva como anteriormente.

Chegamos assim ao momento atual. Após meditar nas belezas e na profundidade dos Salmos, desejamos cantá-los em nossas igrejas, mas onde estão? Não os encontramos em nosso Hinário. Será que o povo que aguarda a segunda vinda do Senhor jamais terá a oportunidade de cantá-los? Em meio à onda de vulgaridade que nos envolve, a maior bênção seria poder cantar novamente as imortais palavras que através dos séculos têm sido o consolo e a inspiração dos santos. Nossa esperança é que algum dia possamos fazê-lo.

* *The SDA Bible Commentary*, Vol. 3, págs. 623-625.

O Ministro e Suas Finanças . . .

(Continuação da pág. 21)

vre de dívidas é recomendado ao pastor pela serva do Senhor, a qual escreveu: "Importa não acumular dívidas termo após termo. A mais alta espécie de educação que se possa ministrar, é fugir de incorrer em débitos, como evitaríeis a doença." — *Test. Sel.*, Vol. 2, págs. 469 e 470. "Devemos fugir de dívidas como de lepra." — *Idem*, pág. 217. Creio sem reservas neste conselho que nos é dado tanto na Bíblia como no Espírito de Profecia. Reconhecemos que os encargos financeiros multiplicaram-se muitas vezes mais hoje em dia. Têm muitas formas e são complicados. Isto torna necessário que o ministro encare realisticamente a suas obrigações e assumia atitude resoluta que o impedirá de envolver-se em dívidas além de sua capacidade de pagar com razoável prontidão. Esta importante recomendação de viver dentro do limite das rendas, cada ministro deve executar por si mesmo. Disse alguém com exatidão: "Se vossas despesas forem maiores do que vossas rendas, então vossa manutenção produzirá vossa ruína."

Creio na eficácia do plano de viver dentro das possibilidades financeiras. Reconheço haver ocasiões em que circunstâncias fora do controle do ministro podem impor-lhe pesadas dívidas, que ocasionam perplexidades. Isto não deve conduzir a desencorajamento, mas antes indi-

car que cumpre fazer planos para corrigir a situação.

Tanto na Bíblia como no Espírito de Profecia, Deus nos deu instruções concernentes a evitar as dívidas. Atendamos a êste conselho, fuçamos da dívida como a uma calamidade e mantenhamos nossas finanças pessoais em boas condições.

Que Significa . . .

(Continuação da pág. 3)

Como os apóstolos somos agora servos de Jesus Cristo, separados para a obra do evangelismo.

As Escrituras, entretanto, consagram ao ministro um outro título, a saber: embaixador (presbeu).

Como embaixador, Paulo se sentiu incumbido de trabalhar por palavra e doutrina pelo erguimento da igreja de Deus. Em sua carta pastoral à igreja de Éfeso, escreveu: "Orando em todo tempo . . . por mim; para que me seja dada, no abrir de minha bôca, a palavra com confiança, para fazer notório o ministério do evangelho, pelo que sou embaixador em cadeias . . ." Éfésius 6:19 e 20.

Pensem no que significa ser um embaixador. Quando uma nação envia um representante à outra, êsse homem se torna um intérprete do pensamento do governo que êle representa; e, como é natural, a nação somente escolherá

um homem de confiança, para representá-la no exterior.

Como ministros somos embaixadores de Deus. Quão destacado é este privilégio!

Entretanto, como embaixadores de Cristo temos responsabilidades que não podemos apoucar ou desconhecer. Não temos o direito de falar aquilo que pensamos, mas somente o que o Senhor deseja que falemos. Não podemos aumentar, diminuir ou modificar a mensagem cuja proclamação nos foi confiada.

Encontramos ainda nas páginas do inspirado Livro, o vocábulo pastor (poimen), título de expressiva significação também atribuído ao ministro.

Esta expressão revive em nosso espírito algumas atividades bucólicas relacionadas com a vida de um pastor. Mal desponta a madrugada e ei-lo à frente do seu rebanho, em busca de verdes pastagens para as suas inquietas ovelhas. Com desvelada solicitude êle as conduz às torrentes de águas límpidas, puras e refrigerantes.

Como pastôres cumpre-nos conduzir o rebanho, "a grei do Senhor," às esmeraldinas pastagens do evangelho, em cujas páginas encontramos o alimento que satisfaz e os ensinamentos preciosos para tôdas as circunstâncias da vida. Guiando-o ao sopé da cruz, poremos ao seu alcance a água da vida, a fonte de salvação eterna. Somente assim alimentaremos o rebanho a nós confiado, e levaremos o refrigério aos corações sedentos, ávidos de luz, ansiosos de perdão, de reconciliação e paz interior.

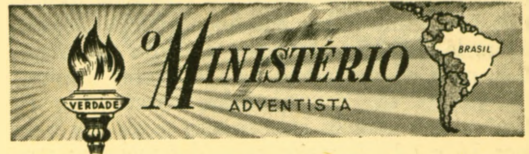
Amiúde o pastor deixa o rebanho em um lugar seguro, para ir além no espinheiro, ou à borda de um abismo, buscar uma ovelha tresmalhada.

Disse a Sr^a White: "Há necessidade de pastôres que sob a direção do Sumo Pastor, busquem os perdidos e extraviados. Isto significa suportar o desconforto físico e sacrificar a comodidade. Importa numa terna solicitude pelos que erram, numa divina compaixão e paciência. Quer dizer um ouvido capaz de escutar com simpatia narrações que partem o coração, acêrca de erros, degradações, desespero e miséria." — Obreiros Evangélicos, pág. 179.

O Senhor nos constituiu como pastôres. Apascentemos, pois, o rebanho de Deus, "não como tendo domínio sobre êle, mas servindo-o de ânimo pronto."

Com efeito, somos ministros do Senhor; somos servos do grande Deus, somos embaixadores de Cristo e pastôres do rebanho.

Não estamos servindo a homens. Deus é o nosso dirigente. Sua Palavra é o nosso guia. Sua verdade é a nossa mensagem e o Seu amor, o poder que nos constringe.



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia
Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Naor G. Conrado
Colaboradores especiais:
J. J. Aitken e A. E. Schmidt

Brasil	
Assinatura Anual	Cr\$ 500,00
Número Avulso	Cr\$ 85,00
Estrangeiro	
Assinatura Anual	US\$ 2,00
Número Avulso	US\$ 0,35



Ano 31 Nº. 5

NESTE NÚMERO

CAPA: U. pto aos formandos de nossos colégios.
Revis. Herald — Vernon Nye, pintor.

PENSAMENTOS SOBRE A ORAÇÃO 2

EDITORIAL

 Que Significa Ser um Ministro 3

ARTIGOS GERAIS

 A "Justiça Pela Fé" Incentivou a Associação
 Ministerial 4

 Quais São os Motivos que nos Impulsionam? 8

 Mensagem aos Teologandos 12

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

 As Relações Públicas e a Mensagem Adven-
 tista 15

OBRA PASTORAL

 Fechai a Porta! 18

 O Ministro e Suas Finanças Pessoais 21

MÚSICA

 Os Salmos 22

